

CASA-NÔMADE (AFETIVAÇÕES URBANAS)

NOMAD-HOME (URBAN AFFETCTIVATIONS)

Annaline Curado Piccolo*

Resumo

Apresentam-se aqui, em formato de relatos poéticos-político-pedagógicos, alguns rastros de um processo de pesquisa-produção-formação artística desenvolvido ao longo de dois anos de residência na cidade de Florianópolis-SC e itinerância por outros espaços urbanos. O projeto CASA-NÔMADE se construiu a partir de experiências de trânsito por lugares e linguagens artísticas e de práticas de vizinhança com pessoas e projetos que procuram produzir, de forma colaborativa, mais espaços afetivos de convivência com e nas cidades. Site do projeto: www.casanomade.wordpress.com.

Palavras-chave: deslocamento; convivência; vizinhança; espaço urbano.

Abstract

Here are presented some traces of an artistic process of research-production in the shape of poetic-political-pedagogical stories, developed over two years of residence in the city of Florianópolis-SC and transit through other urban spaces. The NOMAD-HOME project was built from transit experiences in places and artistic languages, and neighborhood practices with people and projects that are searching to produce collaboratively a more affective coexistence in the cities. Website of the project: www.casanomade.wordpress.com.

Keywords: displacement; cohabitation; neighborhood; urban space.

Planta-baixa

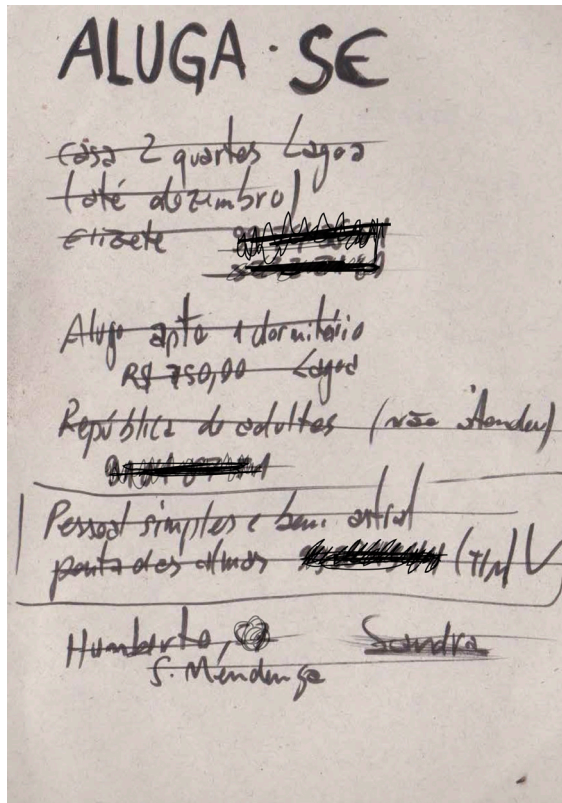
Quando estou em trânsito preciso me sentir em casa, quando me rendo à rotina preciso criar asas. Talvez por influências astrológicas ou por construções históricas, carrego comigo um dilema: como posso fazer do viajar uma casa, e da casa uma viagem? Uma mania de movimento se embate à necessidade do mantimento, à vontade do alento. Perambulante-atenta deixo-me atravessar pela paisagem, mas também atuo sobre ela. Meu corpo vai riscando novas cartografias no caminho e na memória. Meus passos, gestos e afetos traçam altos e baixos-relevos. Carrego (talvez nas solas dos pés, na mente ou no coração) pedaços daqueles (lugares, coisas e pessoas) com quem me encontro no percurso. Deixo também, em cada encontro, um pedaço afetado de mim. Assim, vão se criando enredos em constante construção, sempre propícios a sobreposições e decomposições, como tudo que é orgânico.





Img 1 "Vendo Casa". Fonte: arquivo da autora

Praticando neologismos ou táticas de instigar enredos entre as pessoas e o ambiente em que vivem, e entre elas mesmas (toda vez que escrevo "afetivação" o corretor ortográfico insiste em me corrigir para "efetivação") efetivação do afeto = AFETIVAÇÃO.



Img. 2 "Aluga-se". Fonte: arquivo da autora

O despertador tocou!

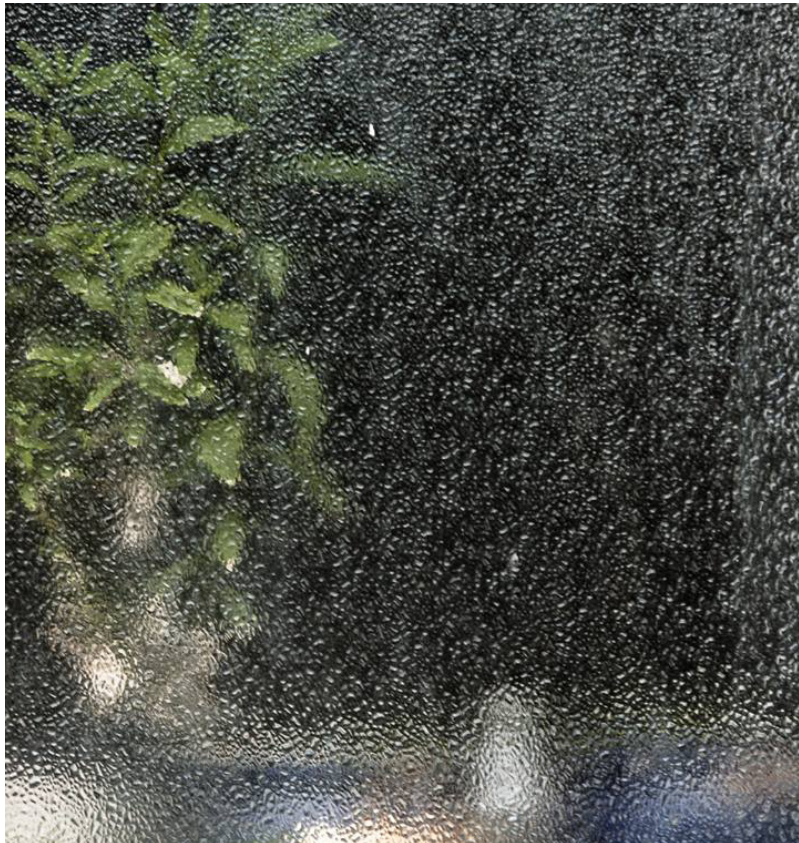
Levantei ofegante, coração palpitante. Acho que foi só um pesadelo, mas parecia tão real... O cenário que vi me causou desespero: nossa sala não era mais esse espaço de 5x4m no térreo da casa; tinha se transformado na praça, nas ruas, na beira da lagoa, nos canteiros, parques, pontos de ônibus, postes. Nossa sala tinha se transformado em todo o espaço público! Assim como a sala, todos os outros cômodos foram se desacomodando. De repente percebi que nossa casa era a cidade inteira! E, nossa, como ela tava bagunçada! Não sei porquê, nem quando, nós tínhamos resolvido escolher, a cada quatro anos, um organizador oficial pra colocar ordem na casa. Achávamos, quem sabe, que assim nos sobraria mais espaço pro tempo livre. Doce ilusão! Isso de eleição só fazia aumentar a confusão. O tal organizador terceirizava seu serviço, deixava tudo nas mãos da forasteira especulação imobiliária. Ela, em troca, oferecia o financiamento de toda campanha partidária. Juntos, eles foram transformando a casa sem pensar nas vontades e necessidades da maioria dos moradores. Deixavam o medo e o abandono tomarem conta do terreno. Nenhum novo parque, nenhuma nova praça, ninguém podia encostar na grama, nada de lugares pra sentar, se encontrar. A sala era um enorme lugar de passar! A estratégia era que perdêssemos a vontade de ficar no espaço público, assim ele perderia sua função como nossa sala de estar, se transformando em hall dos espaços privados e murados deles. Sem nosso espaço de encontro não poderíamos nos articular, nem causar nenhum confronto. Nós íamos nos desconhecendo. Seguíamos só passando, lado a lado, compartilhando nossas solidões a caminho do trabalho. Nosso tempo livre não tinha mais onde morar. Eu não sabia mais com quem estava morando. Não existia mais laços entre as pessoas, muito menos nós. Fui ficando assustada. Tentava falar mas continuava calada. Enquanto toda aquela atrocidade ia tomando conta da cidade, nós permanecíamos imóveis. Éramos meros locatários de nossa casa própria. O despertador tocou! Levantei ofegante, coração palpitante. Acho que foi só um pesadelo, mas parecia tão real...

O guaco da vizinha

Outro dia, subindo uma das ladeiras que leva à minha casa, fui abordada por uma senhorinha (assim no diminutivo, padrão açoriano de altura). Com uma sacola na mão, em frente a uma cerca de arame coberta por uma trepadeira, ela ia coletando folhas da planta enquanto me dizia: "É guaco, filha. Pode pegar também". Toda vez que passava por ali eu sentia cheiro de chá. Cheguei até a arrancar algumas folhas de lá, mas ainda não tinha conseguido identificar o que era. Pois bem, a senhora estava

respondendo minha questão. Resolvi então me juntar a ela naquela colheita. Em alto e bom “manezês”, Dona Maria foi me contando que achava que os donos da casa não estavam por ali. Ela os conhecia de vista, pois sua filha mora duas casas ao lado. Olhando para os lados, Maria me dizia e repetia: “Tem tanto, não vai fazer falta pra ela. E guaco é tão bom né... Pega, filha, pode pegar! Pega mais!” Por um momento percebi que nossa colheita não estava autorizada. Enquanto seguíamos conversando, um moço chegou e foi entrando na casa, sem nos dar muita atenção. Antes que ele fechasse totalmente o portão, Maria lhe perguntou se aquela planta era guaco mesmo, como que puxando assunto. O meço fez que sim com a cabeça e nós (já cúmplices naquela subversão) nos sentimos um pouco mais autorizadas a seguir coletando nossos futuros chás, xaropes, meizinhos... Peguei umas dez folhas grandes de guaco, agradei à Maria pela dica e pela boa conversa e voltei a seguir meu caminho para casa. Duas semanas depois, descendo a mesma ladeira, passei em frente àquela casa. O guaco havia sido dilacerado: o arame da cerca, antes coberto pelo verde cheiroso, estava agora totalmente aparente. Algumas folhas secas, já sem cheiro, se misturavam à poeira do chão. Nada mais ali chamava atenção de ladrão!

Sob a sobreposição de convivências – Florianópolis-SC.



Img. 3 Da busca pelo ar, ou a nossa natureza sufocada. Fonte: arquivo da autora

Desentope

O carbono-capital sobe à cabeça, congestionada, dói, até que tudo o que pensa em todos se corrói. Ambulâncias e polícias circulam pelas veias entupidadas, violentas vias, sanguíneas áreas. A pele se arma de concreto, num tom cinza-decreto. Sem trato direto, sem tato. Afeto? Tantos sem teto! Olhar tangente. Tanta gente perto, tão longe, buscando um tal “certo”. Paladar calejado, cansado de tanto nada mastigado. Difícil digestão, tudo duro, tudo muro, tudo murro. O pulmão, asfaltado, suspira calado, feito rio canalizado-sufocado debaixo do chão. O coração, músculo involuntário, segue batendo, sem-salário. Revolução vai ser o dia em que ele aprender a dizer NÃO! Quando perceber qual modelo de corpo-cidade-sociedade seu trabalho leva adiante, bem capaz de ter um infarto fulminante.

Sob a falência múltipla dos órgãos públicos – São Paulo-SP.

Img. 4 “Especul(ações) imobiliárias”. Fonte: arquivo da autora



***Annaline Curado Piccolo** é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UDESC. É graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela UDESC (2012). Atua como fotógrafa-deseñhista itinerante em projetos culturais e como educadora em espaços não formais e informais. Participou de quatro Residências/Laboratórios e outras tantas convivências (artísticas e/ou não). Atualmente desenvolve pesquisas-práticas de instigação de vizinhança em espaços públicos.

Contato: anninha.piccolo@gmail.com